

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN  
BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

**“PERCURSO”**

**Desenvolvimento de Roteiro**

Thaís Melo Silva Oliveira

Juiz de Fora

2021

THAÍS MELO SILVA OLIVEIRA

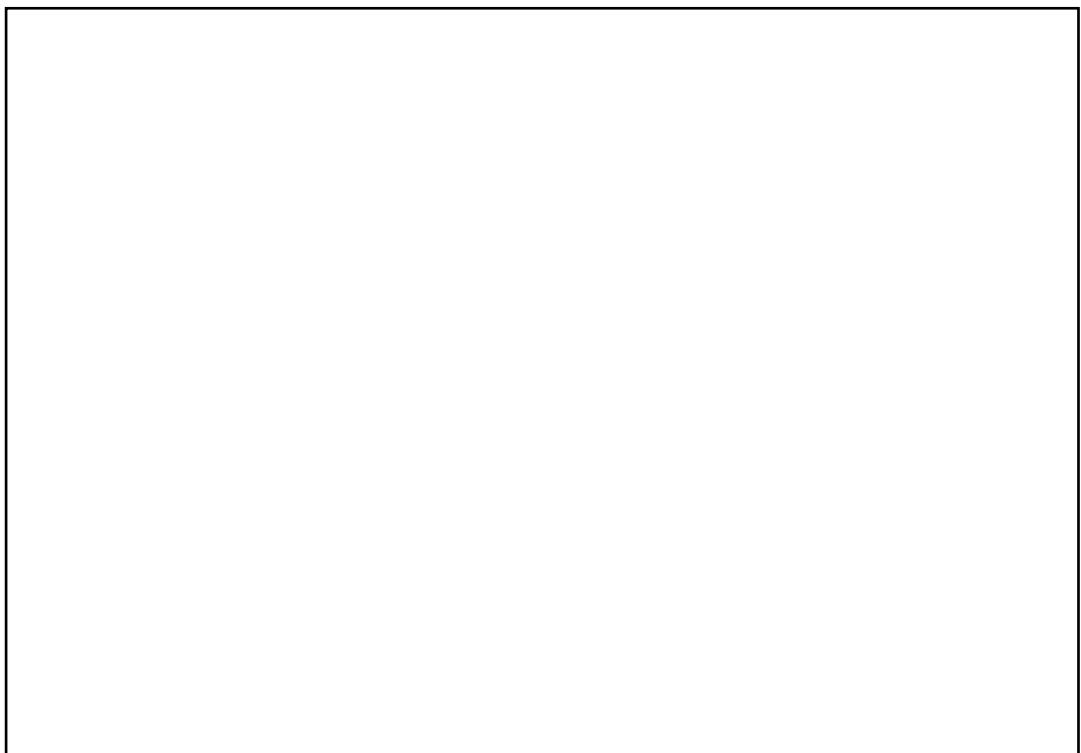
**“PERCURSO”: DESENVOLVIMENTO DE ROTEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual  
da Universidade Federal de Juiz de Fora como  
requisito à obtenção do título de Bacharel em Cinema  
e Audiovisual

Orientador: Prof. Dr. Christian Hugo Pelegrini

Juiz de Fora

2021



## **ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

Aos treze dias do mês de setembro do ano de 2021, às 16:30 horas, em plataforma remota, ocorreu a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito da disciplina ART314 - TCC, apresentada pela aluna Thaís Melo Silva Oliveira, matrícula 201666001B, tendo como título Percurso: desenvolvimento de roteiro..

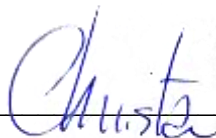
Constituíram a Banca Examinadora os Professores (as):

Christian Hugo Pelegrini, doutor, orientador, UFJF,

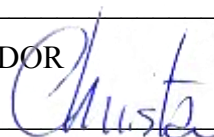
Alessandra de Souza Mellet Brum, doutora, examinadora, UFJF e

Marília Xavier de Lima, doutora, examinadora, UAM.

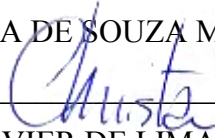
Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, definiu-se que o trabalho foi considerado ( X ) APROVADO ( ) REPROVADO. Eu, Christian H. Pelegrini, Professor(a) – Orientador(a), lavrei a presente ata que segue, em função da Pandemia, assinada por mim em meu nome e em nome dos demais membros da Banca Examinadora, comprometendo-me em informar a nota do aluno no SIGA UFJF o mais breve possível.



CHRISTIAN HUGO PELEGRINI - ORIENTADOR



ALESSANDRA DE SOUZA MOLLET BRUM - EXAMINADORA



MARÍLIA XAVIER DE LIMA - EXAMINADORA

À vovó Bebel, vovô Edson, vovó Kleyde e vovô Chrissio

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Arimathea e Cristiane por sempre me mostrarem a importância da educação e dos estudos e por sempre me incentivarem a correr atrás dos meus sonhos. À minha irmã Mariana, por compartilhar a vida comigo, por ser meu braço direito e por sempre se dispor a me ajudar com as vírgulas. Obrigada por estarem aqui ao longo do processo, por me ajudarem a criar e me incentivarem a escrever. Vocês são meu porto seguro e minhas referências de seres humanos.

Agradeço à minha avó Izabel, por ser a inspiração por trás desse trabalho. Cada momento ao seu lado foi especial. Você faz muita falta. Agradeço à minha avó Kleyde por todo o amor, o carinho e interesse pelas minhas aventuras artísticas. Agradeço também à Trindade, por todo cuidado de sempre. Vocês inspiraram minha Tereza sem nem saber.

Agradeço à toda a minha família por sempre me apoiarem e celebrarem minhas conquistas. Di, Ricardo, Sofia, tio Du, tia Raquel, tia Ley, tio Jony, Leyny, Layse, tio Lau, tia Penha, Larissa, Sarah, Thalles, tia Sygrid, Yuri e Emmilye.

Aos meus amigos, os que me acompanham desde o início da faculdade e os que foram se juntando no caminho. Bianca e Lucas, por estarem comigo desde a primeira semana. Estou muito feliz de estar encerrando esse ciclo junto com vocês. Luíza, Nath, Thainá e Isabella por serem minha família fora de casa. Isabele, Luciani e Débora por estarem aqui desde sempre. Aos colegas do curso de Cinema pelos momentos compartilhados. Bianca, Carol, Leyny e Mariana, obrigada por me ajudarem a encontrar a melhor história para Tereza. Amo todos vocês.

Agradeço ao meu orientador, o professor Christian Pelegri, por me auxiliar no desenvolvimento desse projeto, com comentários sempre pertinentes e paciência com o meu processo. Agradeço também às professoras da minha banca Alessandra Brum e Marília Xavier, por aceitarem o meu convite e por marcarem positivamente minha jornada acadêmica, junto com todos os professores do Bacharelado em Cinema e Audiovisual.

À Universidade Federal de Juiz de Fora por pela minha formação acadêmica, pública e de qualidade. Ao Instituto de Artes e Design por me apresentar ao mundo das artes ao longo desses anos.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para minha jornada acadêmica e fizeram esses anos serem tão especiais.

## **RESUMO**

Percurso é um roteiro de curta-metragem que narra a jornada da personagem Tereza, uma senhora de 68 anos, durante processo de obter sua habilitação para dirigir. O presente trabalho busca descrever o processo de elaboração do roteiro, desde sua concepção até a versão final.

**Palavras-chave:** curta-metragem; roteiro; velhice; processo criativo.

## **ABSTRACT**

Percurso is a short film script about Tereza's journey, a 68-years-old lady in the process of getting her drivers license. This work presents the process behind the development of the script, since the decision of the theme until the final version.

**Key words:** short film; script; aging; creative process.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. PROCESSO DE CRIAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
2.1. ORIGEM .....	8
2.2. PESQUISA .....	9
2.3. CONCEPÇÃO DA IDEIA .....	11
2.4. DESENVOLVIMENTO DO ROTEIRO .....	12
<b>3. ROTEIRO .....</b>	<b>17</b>
<b>4. CONCLUSÃO .....</b>	<b>54</b>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	55
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS .....	55



## 1. INTRODUÇÃO

Percurso é um roteiro de curta-metragem que acompanha Tereza, uma senhora de 68 anos, enquanto se dedica ao processo de aprender a dirigir. Esse roteiro reflete um interesse pessoal em questionar o imaginário presente em nossa sociedade em torno da velhice, que olha para esse período da vida de forma preconceituosa e estereotipada, e as representações dessa parcela da população nas produções audiovisuais, que frequentemente corroboram com essa visão trazendo os idosos como personagens secundárias pouco desenvolvidas ou como protagonistas de histórias com tramas negativas, como morte e doença. A partir dessas análises, me propus a criar uma narrativa que trouxesse uma protagonista idosa que fugisse dessa representação citada e que provocasse questionamentos sobre o lugar da velhice em nossa sociedade.

A princípio, a proposta do meu Trabalho de Conclusão de Curso era a realização de um curta-metragem, passando por todas as etapas da produção e utilizando os equipamentos e a infraestrutura que a universidade proporciona aos alunos do curso de Cinema e Audiovisual, recursos que tive contato próximo durante meu período como bolsista do Estúdio de Cinema Almeida Fleming. Porém, algumas semanas depois da decisão de fazer o filme, a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) chegou ao Brasil e as atividades presenciais foram suspensas. Prezando pela minha segurança e a de meus colegas que constituiriam a equipe da produção, resolvi me dedicar exclusivamente ao desenvolvimento do roteiro do curta-metragem, atividade que pude realizar em casa com mais segurança. Apesar de já ter participado de outras produções audiovisuais e exercícios de disciplinas, Percurso é minha primeira experiência desenvolvendo um projeto idealizado por mim e minha primeira vez atuando como roteirista.

Portanto, apresento nas próximas páginas o processo de criação deste roteiro até chegar à versão final anexada. Detalho a origem do interesse pela representação de personagens idosos, as pesquisas envolvidas, o caminho até encontrar uma história que melhor se conectasse com minha proposta e o processo de escrita do roteiro.

## 2. PROCESSO DE CRIAÇÃO

### 2.1. ORIGEM

A ideia desse projeto surge a partir de uma experiência pessoal familiar. No ano de 2019, com o falecimento de meu avô, minha avó passou por um período em que ficou emocionalmente muito frágil. Com isso, me propus a me aproximar dela e intensificar nossa convivência para que ela não precisasse ficar sozinha. Com o passar do tempo, ela foi voltando para seus afazeres do dia a dia e, aos poucos, sua vida foi normalizando, e eu me vi enxergando uma versão de minha avó que eu nunca havia reparado. Meu olhar de neta, que sempre viu a Dona Izabel avó, descobriu a Dona Izabel mulher, em contextos além de nossa relação familiar e de sua idade. Uma pessoa com rotina ativa, amigos, opiniões, gostos e desgostos, manias, vontades, medos e histórias.

Quando me deparei com esse contraste de ponto de vista, vieram reflexões sobre o imaginário em torno da velhice em nossa sociedade, que tanto cultua a jovialidade. Frequentemente, entendemos essa fase da vida como um período negativo, que devemos temer e em que nos tornaremos improdutivos e limitados. Aquela imagem da velhinha tricotando na cadeira de balanço, esperando o dia que vai morrer. Essa cena não representa plenamente a parcela da população com mais de 60 anos.

Ao direcionarmos essa reflexão sobre a velhice para os produtos audiovisuais, encontramos representações estereotipadas e pouco desenvolvidas dessas personagens, as quais, em sua maioria, desempenham papéis secundários. Alguns exemplos em que isso ocorre são produções como *A Despedida* (*The Farewell*, Lulu Wang, 2019), e até animações como *Irmão do Jorel* (Juliano Enrico, 2014 - presente), *Moana – Um Mar de Aventuras* (*Moana*, John Musker, 2016). Por outro lado, nas narrativas que trazem idosos como protagonistas, suas histórias costumam girar em torno de temáticas negativas associadas à questão da idade e do fim da vida, como doenças sérias e dependência de ajuda constante, e são frequentemente destinadas a morrer no final. Para citar algumas obras em que observei tais características: *Antes de Partir* (*The Bucket List*, Rob Reiner, 2007), *Íris* (*Íris*, Richard Eyre, 2001), *Amor* (*Amour*, Michael Haneke, 2012), *Meu Pai* (*The Father*, Florian Zeller, 2021).

Pensando nisso, me propus a desenvolver uma história com uma personagem idosa como protagonista, envolvida em uma trama alegre e diferente das representações pessimistas

ou rasas citada acima. A intenção seria abordar a velhice como uma continuação natural da vida, um momento de possibilidades em que o ser humano ainda é capaz de fazer o que quiser, seja se apaixonar, trabalhar, ter inseguranças, se divertir, frequentar diferentes lugares ou países, se embriagar, dançar, ser feliz, sem considerar a idade como uma limitação.

## 2.2. PESQUISA

Considerando que, até esse momento, eu não tinha experiência como roteirista para além dos estudos na disciplina de roteiro e que essa não é a etapa da produção cinematográfica com que eu tenho mais afinidade, busquei me familiarizar e aprofundar mais na área. Durante os primeiros meses de isolamento social, estudei através dos cursos online Roteiro Cinematográfico, ministrado pela cineasta Anna Muylaert, na plataforma Navega e Roteiro para Curta-Metragem de Ficção, ministrado pela roteirista Alejandra Moffat, na plataforma Domestika. Ambos os cursos me apresentaram ao processo criativo das duas roteiristas, o que me ajudou bastante a compreender o meu próprio e complementaram os aprendizados das aulas de Roteiro: Teoria e Prática na universidade.

Em paralelo a esses cursos, também me dediquei a me aprofundar a respeito do tema velhice no Brasil. Dados do projeto Tsunami 60+ apontam a população idosa sendo uma fatia crescente da população e comprovam que “sim, elas se sentem bem física e mentalmente. Sim, elas se movimentam pela cidade, trabalham, namoram. E não, a relação delas com a tecnologia não é tão ruim quanto se pensa”. Segundo a ONU, no Brasil, a população de idosos hoje é de 30,3 milhões de pessoas, com a expectativa de que até 2050 esse número chegue a 68,1 milhões. Em 2030, a projeção é de que teremos mais idosos do que pessoas de até 14 anos.

Por fim, também pesquisei filmes que abordassem o tema com um olhar próximo ao que eu queria trazer para o meu. Nesse momento, assisti filmes como *Conduzindo Miss Daisy* (*Driving Miss Daisy*, Bruce Beresford, 1989), *Cocoon - A Aventura dos Corais Perdidos* (*Cocoon*, Ron Howard, 1985) e *Ensina-me a Viver* (*Harold and Maude*, Hal Ashby, 1971). Analisando estes filmes, me chamou atenção o fato de, apesar de apresentarem os idosos como protagonistas e, na maior parte do tempo, as tramas serem leves e positivas, os filmes ainda acabam trazendo alguns elementos recorrentes e que estou questionando, como limitação física e doença causadas pela idade e morte, principalmente ao se aproximar do fim da história. Por exemplo, em *Conduzindo Miss Daisy*, o filme gira em torno do surgimento da relação de

amizade entre Daisy e Hooke, mas termina com a protagonista em um lar de idosos apresentando sintomas de demência; em *Cocoon – A Aventura dos Corais Perdidos*, os poderes mágicos dos casulos faz com que o grupo de idosos se divirta por se sentirem mais “jovens” ao se livrar das limitações físicas da velhice, das quais fogem embarcando na nave alienígena; em *Ensina-me a Viver*, Maude vive uma vida fora do que se espera de uma senhora de 80 anos, mas, apesar de celebrar a vida ao longo do filme, ainda acaba por escolher a própria morte.

Reconheço que esses acontecimentos fazem parte da vida de todos nós e podem ser inevitáveis, mas também acredito que a velhice não se define por eles e é possível contar uma história sobre idosos que convivem com a idade e têm um final feliz sem trazer esse elemento como antagonista. Com essas considerações, duas referências audiovisuais se destacaram durante as pesquisas por se aproximarem da representação que eu tinha em mente, a série *Gracie and Frankie* (*Gracie and Frankie*, 2015 - 2022) e o filme *Um Senhor Estagiário* (*The Intern*, Nancy Meyers, 2015).

A série de comédia *Gracie and Frankie* (2015-2022), criada por Marta Kauffman e Howard J. Morris, começa quando Gracie (Jane Fonda) e Frankie (Lily Tomlin) são surpreendidas com a notícia de que seus maridos Robert (Martin Sheen) e Sol (Sam Waterston) estão pedindo o divórcio para poderem oficializar o relacionamento homossexual que mantém escondido há anos. No desenrolar dos episódios, acompanhamos o dia a dia das duas senhoras que se tornam grandes amigas, apesar de suas personalidades muito diferentes, e passam a morar juntas. Desde as primeiras reflexões sobre produtos audiovisuais que apresentam protagonistas idosos, considereirei esse seriado como referência positiva. Na série, as idades dos personagens são elementos importantes, mas não é o que os define. Ao longo dos episódios acompanhamos as vidas bem ativas de idosos com idade próxima dos 80 anos, enquanto eles se apaixonam, abrem empresas, lidam com burocracias e apresentam peças teatrais, para citar alguns exemplos.

O longa-metragem *Um Senhor Estagiário* (2015) gira em torno do viúvo aposentado Ben Whittaker (Robert De Niro) no cargo de estagiário sênior de uma empresa de *e-commerce* chefiada por Jules Ostin (Anne Hathaway). O filme retrata o choque de gerações sem trazer uma conotação negativa, de forma que o personagem percorre uma trajetória típica de comédia romântica sem ser definido por sua idade. Nesse aspecto, lhe é permitido conseguir um emprego, se apaixonar e criar vínculos de amizade com pessoas de diversas idades, contrapondo, assim, o incômodo inicial causado por sua presença em um ambiente dominado por jovens.

A partir dessas referências e conseguindo reconhecer aspectos que não gostaria de retratar, a ideia do meu projeto começou a ganhar forma.

### 2.3 CONCEPÇÃO DA IDEIA

Para começar o desenvolvimento do roteiro, parti então para a decisão sobre qual história iria trabalhar para melhor elaborar este tema, sabendo que queria trazer esse olhar diferente sobre a terceira idade e apresentar uma protagonista idosa tendo experiências reais e com um final feliz. Apesar de ser um projeto inspirado por memórias pessoais e ter como referências várias mulheres especiais e importantes para minha vida, não senti que era o momento de fazer um projeto biográfico. Em vez disso, estava disposta a encontrar uma trama de ficção em que pudesse reunir essas percepções.

Comecei a pensar em situações em que poderia colocar minha personagem, de forma que trouxesse para o filme essa provocação sobre o olhar da sociedade sobre os idosos e que representasse um pouco dessa mudança de ponto de vista que vivenciei. De início, as primeiras ideias giravam em torno do contexto familiar, uma vez que foi de onde surgiu o interesse pelo tema. Considerei algumas situações, como receber familiares para o Natal ou para o almoço de domingo, em que seriam possíveis desenvolver esses contrastes e discussões.

Porém, o olhar dos familiares vem muito mais de um lugar de carinho do que de preconceito. Assim, nas atividades de orientação, surgiu a ideia de colocar a personagem em espaços inusitados, que são estranhos de se encontrar algum idoso, e trabalhar como ela e como as pessoas à sua volta reagiriam. Partindo dessa proposta, fiz um levantamento de algumas possibilidades, que resultou em diversas ideias interessantes, como por exemplo: uma senhora que entra na faculdade, uma senhora que trabalha como DJ, uma senhora que participa de uma competição de canto, uma senhora que desfila em um bloco de carnaval, uma senhora que trabalha como motorista de aplicativo. Entre elas, uma se destacou: uma senhora que aprende a dirigir.

Me interessei pela ideia de abordar o aprendizado na velhice e por isso resolvi desenvolver o trabalho a partir dessa proposta. Geralmente, pensamos nos idosos como pessoas formadas, que têm muitas experiências vividas para compartilhar e aconselhar, mas poucas experiências novas possíveis de serem vividas. É uma fase da vida normalmente associada com o fim de ciclos importantes, como a aposentadoria, diminuição da agilidade dos movimentos, e

o próprio fim da vida, e conseqüentemente com a inércia, enquanto o aprendizado está associado a abertura de novas possibilidades, como as novas experiências de um recém-habilitado.

Assim, a representação de um idoso participando de um processo tipicamente vivenciado por jovens, em sua maioria com idade próxima aos 18 anos, proporcionaria um contraste interessante de se trabalhar, através de alguns conflitos, dificuldades e diferentes olhares sobre o lugar da pessoa idosa. Além disso, a escolha do tema permitiria também trabalhar o simbolismo do carro como ferramenta para a liberdade e para um novo agir sobre o mundo. Ao aprender a dirigir, minha personagem afirma que, mesmo idosa e com experiências anteriores diferentes, pode assumir o controle de sua vida e suas decisões e correr atrás do que quer.

Enquanto amadurecia a escolha de seguir por esse caminho, recebi relatos de alguns colegas com histórias parecidas com a de Tereza, que me ajudaram a definir a pertinência da temática proposta. Nathalha Moreira, minha amiga, me relatou a história de seu avô que, com mais de 60 anos, aprendeu a ler e escrever para conseguir realizar o sonho de tirar a carteira de motorista. Ele continua dirigindo até hoje, com seus mais de 80 anos, e é muito apegado a seu carro. Outra colega, Giovana Pawlow, também identificou na história de Tereza um pouco de sua própria avó, que aprendeu a dirigir aos 68 anos e se mudou para uma cidade no litoral, onde até hoje gosta de dirigir pela orla da praia em seu próprio carro. Esses comentários de vivências reais que se identificam com a narrativa proposta corroboram a relevância de contar essa história e me incentivaram a seguir por esse caminho.

#### 2.4. DESENVOLVIMENTO DO ROTEIRO

A partir de então, minha história começou a se concretizar, assumindo a proposta de representar uma senhora que faz autoescola para realizar seu sonho de dirigir. Logo batizei minha protagonista como Tereza, criei a personagem Paula, que é sua instrutora e quem a guia nessa jornada, e me propus a fazer um filme que se passasse a maior parte do tempo dentro do carro, com foco principal na dinâmica entre as duas mulheres. Nesse momento, busquei entender melhor o funcionamento das aulas de direção, principalmente por meio de vídeos de instrutores reais ensinando seus alunos, para criar uma narrativa verossímil.

Comecei então desenvolvendo algumas versões de escaletas para organizar uma narrativa que incluísse o relacionamento entre as duas e essa abordagem sobre a questão da idade. Essas versões apresentavam Tereza e Paula como aluna e instrutora juntas no carro ao longo do processo de aprendizagem, superando obstáculos e convivendo. Buscava entender qual a melhor dinâmica entre elas e acertar como desenvolver o filme em uma boa quantidade de cenas. Logo no início se fortaleceu a ideia de incluir uma importante cena de diálogo entre as duas mulheres, na qual as personagens trocam suas experiências de vida e compartilham um momento de conexão, e que traria destaque à reflexão sobre as expectativas da sociedade sobre a população idosa.

Depois de algumas tentativas de retratar a instrutora Paula como antagonista, entendi que o verdadeiro antagonista era a dificuldade de aprendizado em si, e que o filme ganharia mais se trabalhasse com as duas como cúmplices. Porém senti que um de meus principais problemas era não conseguir enxergar como desenvolver a dinâmica das personagens, devido à relação entre as duas ser muito baseada no diálogo e no desempenho de Tereza ao longo das aulas, o que não ficava tão claro e organizado pensando em escaletas. Neste momento, comecei a trabalhar direto com o formato de roteiro.

Em sua primeira versão, o roteiro trazia o desenrolar das aulas, com destaque para a persistência de Tereza durante o processo, até que as duas personagens compartilham um momento sem poder sair da autoescola por causa de uma chuva, onde Tereza expunha para Paula seu sonho de dirigir de longa data e cita que gostaria de voltar a um mirante que costumava frequentar com o falecido marido. Essa já se assemelhava bastante com a versão final, mas ainda trazia grandes questões estruturais a serem trabalhadas, que foram discutidas em reuniões de orientação. Dentre elas, é possível citar: problemas nas personalidades das duas personagens, diálogos unilaterais muito longos e didáticos e uma nova proposta de apresentar o mirante como motivação principal da narrativa, que antes estava guiada por um sonho de infância. Nesse momento, o professor orientador também sugeriu a possibilidade de enriquecer o roteiro com o desenvolvimento de uma metáfora que poderia ser trabalhada envolvendo a orientação que os instrutores costumam dar para seus alunos nas primeiras aulas: abrir e fechar a porta; ajustar o banco; ajustar o espelho retrovisor e afivelar o cinto, nessa ordem.

Além desses pontos, também encontrei questões que senti que conseguiria trabalhar melhor. Primeiro, deveria entender qual a melhor forma de apresentar a passagem do tempo e o constante aprendizado de Tereza, de forma que não precisasse narrar uma aula na íntegra, mas também conseguisse retratar o processo e as dificuldades vivenciadas pela aluna. Outro

ponto é que, ao voltar ao que havia escrito, percebi que eu mesma tinha minha própria leitura estereotipada da personalidade de uma idosa, cometendo erros que haviam me incomodado anteriormente em outras produções ao tentar criar falas e trejeitos para o texto, e dos quais deveria me desprender.

Buscando melhorar a representação da personalidade da protagonista idosa e encontrar referências comportamentais fora de minha esfera familiar, busquei vídeos e imagens de mulheres reais que poderiam me ajudar a compreender meus erros. Dessa pesquisa, destaco duas contas de redes sociais que me ajudaram nesse processo: o canal do YouTube Avós da Razão<sup>1</sup>, no qual Gilda (79 anos), Helena (93 anos) e Sonia (83 anos) conversam abertamente e expõem suas opiniões sobre os diversos temas enviados pelos espectadores, e o perfil no Instagram da Dona Dirce Ferreira<sup>2</sup>, onde essa senhora compartilha seu dia a dia com seus “seguinetos” com muito bom humor e personalidade marcante.

Absorver esse e os outros pontos não foi fácil, mas foi perceptível a melhoria que trouxeram para a segunda versão. Sinto que o projeto só andou melhor depois que consegui entender o porquê de o mirante ter sido importante na vida de Tereza e o que a levou à decisão de que precisava de sua habilitação naquele momento, depois de tantos anos. Dessa vez, o roteiro começaria e terminaria com Tereza no mirante, onde ela estaria pensando no falecido marido e contando para si mesma a jornada que foi aprender a dirigir para chegar até ali. Como um flashback entre essas duas cenas, acompanhamos o processo com algumas inserções de comentários em *voice over* de Tereza contando seu ponto de vista sobre aqueles momentos, como uma lembrança sendo descrita enquanto está no mirante. Durante as aulas de direção, as personagens estão mais bem definidas. Tereza está bem menos caricata e, além das dificuldades normais da autoescola, também precisa vencer uma insegurança de dirigir devido a experiências passadas. Para trabalhar o andamento das aulas, optei por inserir montagens de planos para representar as etapas do aprendizado, que seriam complementadas por algumas inserções do *voice over*. A conversa no final da história saiu do contexto da chuva, e foi inserida em uma cena em que Paula dá carona para Tereza e as duas personagens trocam experiências importantes de suas vidas.

Na questão da metáfora envolvendo porta, banco, retrovisor e cinto, decidi que a leitura que o professor apontou não se encaixava muito com a história de Tereza, mas encontrei uma

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCPaLH-5sjIoxe6Cm1llytjA>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/donadirceferreira/>>. Acesso em: 28 jul. 2021.



proposta diferente de leitura que compara cada comando ao processo de se abrir a novas experiências. Nessa linha de raciocínio:

- Abrir e fechar a porta simboliza estar aberto para entrar em um novo universo de peito aberto;
- Ajeitar o banco simboliza se adaptar e se encaixar a essa nova realidade;
- Ajeitar o espelho retrovisor simboliza reconhecer o caminho que trilhou para que pudesse chegar aonde está hoje;
- Apertar o cinto simboliza a segurança de que está pronto para ir em frente.

Apesar de não entrar explicitamente no diálogo, esse pensamento acabou entrando na organização das cenas. O momento “porta” é o primeiro contato de Tereza com o carro e suas operações, o momento “banco” é quando faz as anotações sobre as aulas para se adaptar aos processos e começa a acertar aos poucos, o momento “retrovisor” são as conversas entre as duas personagens, falando sobre seus medos e vivências, e o momento “cinto” é quando Tereza está no mirante seguindo em frente e conquistando seu objetivo.

Durante o desenvolvimento dessa segunda versão, eu tive contato com roteiros de alguns colegas e com comentários do professor Luís Alberto na aula de Direção: Teoria e Prática. Ele falava sobre a importância de trazer para os roteiros indicações que ajudem os atores a entender melhor o estado mental dos personagens em cada cena. Essa fala me fez refletir que meu próprio roteiro estava muito carregado nos diálogos e com poucas indicações de rubrica entre eles, devido ao fato de haver pouca movimentação significativa além do que se refere ao processo de dirigir um carro. Então tentei desenvolver melhor esses elementos, buscando elevar o nível de minha escrita, mas no fim escrevi em excesso, chegando a aproximar meu roteiro de um texto mais literário.

As atividades de orientação acerca dessa versão giraram principalmente em torno de dosar melhor essa rubrica muito carregada e em refletir sobre a possibilidade de deixar o diálogo final menos expositivo, a partir do questionamento sobre a necessidade de estar exposto nas falas de Tereza a importância do mirante para a personagem, sugerindo em vez disso buscar expressar através de cenas, uma vez que os melhores roteiros normalmente são os que contam menos e mostram mais.

A terceira e última versão do roteiro, portanto, vem trabalhando em cima dos pontos comentados acima, além de trazer algumas revisões no próprio texto. Desde as primeiras

escaletas, esse momento de conversa entre as personagens vinha com a intenção de apresentar a motivação por trás do desejo de começar a dirigir e de amadurecer o vínculo entre elas, e eu não havia considerado que o filme poderia funcionar sem ele. Mas analisando a versão atual do filme e contando com as orientações, vi que era possível reduzir as falas expositivas de Tereza sobre o mirante e expressar esse sentimento com outros planos. Também nessa versão, busquei dosar melhor os textos de rubrica, focando em indicações mais diretas e assertivas. E por fim, optei por não dar andamento na ideia inicial da narração em *voice over*. Entre os motivos, destaco:

- refletindo sobre as falas do professor sobre o texto muito expositivo, entendi que a narração iria acabar fazendo o mesmo papel de colocar a personagem para nos contar algo que já está na tela;

- as falas que estavam em meus planos não pareciam mais se encaixar bem com o texto e poderiam atrapalhar mais do que somar;

- o texto já conta com bastante diálogo, e avaliei que não havia a necessidade de carregar com ainda mais fala, o que poderia deixá-lo mais confuso;

- acredito que as cenas funcionam bem sem os comentários e em alguns casos, o silêncio teria mais força do que a exposição.

E assim, chegamos à versão final. Acredito que o trabalho ainda não acabou, ainda cabem algumas alterações e melhorias nesse roteiro antes de começar a pensar em realizá-lo. Gostaria de abordar a importância do mirante sutilmente em outros momentos para conseguir reduzir ainda mais essa parte do diálogo e também de trabalhar melhor algumas falas dos personagens para ficarem mais realistas e verossímeis. Apesar disso, acredito que o filme cumpre sua proposta inicial de trazer uma personagem idosa que se coloca com uma postura ativa em relação a seus desejos, suas decisões e sua independência, representando a velhice, como qualquer idade, como um período de novas possibilidades.

### 3. ROTEIRO

"PERCURSO"

Um roteiro de  
Thaís Melo

Versão 03

26/08/2021

## 1. INT. RECEPÇÃO DA AUTOESCOLA - DIA

Acompanhamos enquanto **TEREZA** (68 ANOS) entra, nervosa, na recepção da Autoescola Jornada. A sala tem uma mesa com um **RECEPCIONISTA** (27), e algumas cadeiras para os alunos que estão esperando a hora das aulas. O recepcionista olha curioso quando Tereza entra. Dois jovens estão sentados usando seus celulares, entediados. Tereza se senta próximo a um deles, uma menina que está rolando o feed de uma rede social enquanto escuta música no fone, distraída.

Tereza checa a hora em seu relógio de pulso e se vira para o recepcionista, que sorri de volta.

TEREZA

Boa tarde, tudo bem? Você sabe quanto tempo demora uma aula prática?

RECEPCIONISTA

Boa tarde, senhora, cerca de uma hora.

TEREZA

Ótimo, obrigada.

RECEPCIONISTA

Posso lhe ajudar em alguma coisa?

TEREZA

Ah não, estou só esperando, obrigada. Vou avisar minha filha.

Tereza tira o celular de sua bolsa e digita uma mensagem para a filha. Um de seus pés está batendo no chão pela ansiedade. O recepcionista volta para o trabalho, mas fica espiando Tereza enquanto ela está distraída. Vemos que tanto Tereza quanto os outros alunos ali esperando estão olhando seus aparelhos celulares.

Em seguida, **PAULA** (32 ANOS) entra pela porta e caminha até a mesa do recepcionista.

PAULA

(para todos)

Oi, gente, boa tarde.

(para o recepcionista)

E aí, quem é o próximo de hoje?

Paula pega um copo e enche de café da mesinha atrás da mesa do recepcionista enquanto ele entrega-lhe a ficha com as informações da aula e volta a trabalhar no computador. Paula pega a ficha enquanto dá um gole no café.

PAULA

Tereza já chegou? Tereza da Silva?

TEREZA

Aqui!

Tereza se prepara para levantar-se, guardando o celular na bolsa. Paula continua distraída mexendo nos papéis. Aponta para a jovem ao lado de Tereza.

PAULA

É sua neta?

A jovem não está prestando atenção na conversa e tira o fone sem entender o que está acontecendo quando Paula lhe dirige a palavra.

TEREZA

Não, moça, você entendeu errado. Na verdade, eu que sou a Tereza. Eu to com aula marcada agora 16h.

PAULA

Ai minha nossa! Claro... A senhora pode assinar a sua ficha então por favor?

Paula apoia o café na mesa do recepcionista e se aproxima de Tereza lhe entregando a ficha.

Enquanto Tereza se inclina para assinar o papel na mesa, Paula troca olhares expressivos com recepcionista. Paula pega seu copo de café de novo e termina o gole. Quando Tereza se levanta, Paula pega os papéis e sorri.

PAULA

Muito prazer, Dona Tereza. Meu nome é Paula, eu vou ser a sua instrutora. Vamos pro carro?

## **2. EXT. RUA/DENTRO DO CARRO - DIA**

### LETTERING: AULA 1

A rua residencial está tranquila, sem movimento. Outras ruas perpendiculares se ligam a ela. Tem umas crianças brincando de bola mais para trás e um carro estacionado mais à frente.

No carro da autoescola, Paula está no banco do motorista e Tereza está no banco do carona. Tereza está com sua bolsa de mão no colo e mexe no chaveiro inquieta. Seu pé novamente batendo no chão do carro. Fica olhando para a janela, tentando se acalmar. O carro é adaptado para as aulas, então também tem os pedais no lado do passageiro.

Paula estaciona e desliga o carro.

PAULA

Vamos começar então. Está pronta?

Tereza assente.

PAULA

A senhora parece nervosa.

TEREZA

Não vou mentir, eu to nervosa sim. Eu imaginei muito esse momento, é estranho que ele chegou.

PAULA

Fica tranquila. É comum que alguns alunos tenham um pouco de medo mesmo. Quase toda semana aparece alguém. Mas no final todo mundo sai daqui dirigindo sem medo. Vou estar sempre aqui para te ajudar e garantir que esteja tudo sob controle. Ok? Qualquer coisa que precisar, dúvidas que tiver, inseguranças, pode me perguntar. Repito o quanto for necessário.

TEREZA

OK

PAULA

Então combinado. É a sua primeira vez dirigindo? Entende alguma coisa disso aqui?

TEREZA

Menina, não entendo nada. Sempre quis muito aprender a dirigir, ter o meu próprio carro, mas ainda não deu muito certo.

PAULA

Pois então agora vai dar! Vamos começar trocando de banco, vem pra cá. Pode deixar a bolsa ali atrás.

Tereza deixa a bolsa no banco de trás. Elas saem do carro e trocam de lugar. Agora Paula está no banco do carona e Tereza está no banco do motorista, apoiando as mãos no colo.

PAULA

Beleza então, nossas aulas a partir de agora vão ser todas com a senhora no banco do motorista. Eu vou te ensinando tudo que precisa saber pra conseguir a carteira e sair dirigindo por aí. Alguma pergunta?

TEREZA

Quanto tempo de aulas eu preciso pra conseguir a carteira?

PAULA

Isso vai depender do ritmo da senhora, de como a senhora vai evoluir, da quantidade de aulas por semana. Não tem um prazo muito certo.

TEREZA

Ah tá, entendi. Mas você acha que a gente consegue terminar antes de 7 meses?

PAULA

Eu não posso afirmar com 100% de certeza, porque a gente ainda nem começou as aulas, mas costuma ser bem menos que isso.

Tereza sorri discretamente.

PAULA

Vamos começar do início. Assim que a senhora entrar em um carro pra dirigir, qualquer carro, quero que siga os seguintes passos. Porta, banco, retrovisor e cinto.

TEREZA

Porta, banco, retrovisor e cinto. Entendi.

PAULA

Essa ordem é importante, senão você se embola. Cada coisa no seu tempo. A senhora entrou no carro e fechou a porta, qual a primeira coisa que vai arrumar?

TEREZA

É o banco.

PAULA

Isso. Você ajusta o banco, tanto a distância até os pedais, pra conseguir pisar tudo até o final, quanto a inclinação, pra ficar com o braço no volante de um jeito confortável. E depois é a hora de ajeitar os espelhos retrovisores. Eles vão te



permitir ter essa visão quase 360. E por fim, colocar o cinto de segurança.

TEREZA

Tudo isso antes de ligar o carro, né?

PAULA

Sim, exatamente. Assim que se sentar no banco. E repara que essa ordem é importante, porque se trocar a ordem, vai embolar tudo. Por exemplo, a posição do banco define a posição que você vai enxergar os espelhos, O cinto de segurança vai atrapalhar na sua mobilidade na hora de alcançar o espelho ou o banco.

TEREZA

Aí vira tudo bagunça né.

PAULA

Exatamente. Então agora vou te mostrar como arruma cada um.

MONTAGEM - Ensinando comandos do carro.

- A) Paula pressiona a alavanca em seu banco para mostrar para Tereza como arrastar para frente e para trás.
- B) Tereza arruma seu banco. Tem dificuldade de chegar pra frente. Paula se inclina para ajudar a empurrar o banco
- C) Tereza está com a mão no controle do espelho retrovisor. Paula gesticula mostrando as direções que ela deve mirar.
- D) Paula aponta para o retrovisor central, e depois faz um quadrado com as mãos, mostrando que está se referindo ao espelho de trás.
- E) Tereza leva as duas mãos no espelho e o ajeita. Quando termina, Tereza se olha no espelho e ajeita um fio de cabelo.

- F) Paula está inclinada para trás com os pés mexendo nos pedais do banco do carona. Sua mão se movimenta pra cima e pra baixo indicando o movimento do pé.
- G) Paula aponta para os pés de Tereza, e ela obedece apertando o pedal da embreagem até o final.
- H) Paula aponta para as luzes no painel do carro. Tereza observa tudo, concordando com a cabeça. Tereza gira o comando de limpador de para-brisa sem querer e se assusta com as pás ligando.
- I) Paula faz uma movimentação fingindo que está dirigindo um volante imaginário no ar para explicar qual a direção de cada seta. Quando vira o volante imaginário para o lado esquerdo, mostra que a mão esquerda abaixa e empurra o comando pra baixo. Quando vira o volante imaginário para o lado direito, mostra que a mão esquerda sobe e empurra o comando pra cima.
- J) Tereza repete os movimentos de acionar as setas no volante de verdade.
- K) Tereza encaixa a primeira marcha.
- L) Paula aponta a movimentação para mudar para a segunda marcha, e Tereza imita.
- M) Tereza tenta colocar a marcha ré com dificuldades.

FIM DA MONTAGEM

Tereza está com a mão no volante esperando a próxima instrução de Paula.

PAULA

Agora a gente vai andar com o carro.

TEREZA

Mas já?

PAULA

Sim... hora de colocar em prática isso que te expliquei.

Tereza fica séria e suas mãos começam a suar. Tereza limpa as mãos na calça e olha pela janela.

PAULA

Vamos lá, olha só como essa rua é tranquila. Nessa primeira vez, vamos só até ali na frente e aí a gente volta. A senhora vai tirar de letra.

TEREZA

Ai, você acha que eu estou pronta? Eu não sei se lembro de tudo que você falou, foi tanta coisa.

PAULA

Calma, essa primeira aula é cheia de informação nova mesmo. Tudo bem se a senhora não lembrar de tudo, é só uma noção de como funciona. Vamos fazer assim: Como nossa primeira aula já foi muito intensa, eu vou te dar uma colher de chá e usar os pedais do lado de cá pra sair com o carro pra senhora, que é a parte mais chatinha. E aí na próxima aula a gente passa por isso com calma. A senhora prefere assim?

TEREZA

Pode ser sim, é melhor.

PAULA

OK. Eu só não tenho o acelerador do lado de cá então a senhora vai apertar o seu de levinho quando eu indicar. Então agora, pode ligar o carro. A primeira coisa é dar a seta pra gente indicar pras outras pessoas que nosso carro vai se movimentar e depois encaixar a primeira marcha. Olha pra trás e confere se está seguro de ir.

TEREZA

OK. Ligar o carro...

Tereza liga o carro.

PAULA

Isso.

TEREZA

... Dar a seta pro lado da rua né?!...

Paula concorda com a cabeça e simula de novo com o volante imaginário no ar a direção que deve mexer o comando da seta. Tereza liga a seta.

TEREZA

... colocar a primeira marcha...

PAULA

Não esquece que tem que pisar fundo na embreagem, lembra? Pro lado e pra frente.

TEREZA

Assim?

Tereza pisa na embreagem e coloca a primeira marcha. Paula concorda com um joinha e um sorriso.

TEREZA

... e olhar se está seguro para sair.

Tereza olha para fora da janela. Vê um carro se aproximando. Paula olha junto.

PAULA

Vamos esperar esse carro passar pra ficar mais tranquilo.

Elas ficam em silêncio esperando o carro passar por elas. Tereza está apertando o volante com força. Quando o carro passa, ela seca a mão nas pernas e volta a segurar o volante, olhando para frente. Respira fundo se preparando.

TEREZA

Vamos.

PAULA

Pode começar a apertar de levinho.

Tereza segura com força o volante, com o corpo rígido em alerta. Paula solta o freio de mão e sai com o carro. Paula estica o braço e empurra lentamente o volante para ajudar Tereza a saber o que deve fazer, seus olhos estão atentos a tudo em sua volta. Tereza segue o movimento indicado por Paula e agora o carro está andando na rua. Paula abre um sorriso.

PAULA

Muito bem, foi perfeito Dona Tereza! Agora é só continuar assim... Pode até acelerar um pouco se quiser.

TEREZA

Ai Jesus Cristo!

Tereza anda mais uns metros naquela velocidade até ganhar confiança e então acelera mais um pouco.

PAULA

É isso aí Dona Tereza!!

Tereza começa a relaxar um pouco mais. Seu rosto demonstra um sorriso emocionado, que em seguida se transforma em gargalhada.

TEREZA

Paula! Eu to dirigindo! Não acredito! Estou dirigindo!

PAULA

E muito bem, Dona Tereza.

TEREZA

Só agora ta caindo a ficha!

PAULA

Agora mantém esse ritmo, vai observando o trânsito a sua volta, olha pra frente, pro retrovisor, garantindo que está tudo bem. A velocidade do carro você vai controlando pressionando o acelerador ou o freio bem de levinho.

Elas ficam uns minutos em silêncio, sorrindo. O carro se aproxima do carro estacionado. Quando percebe, Tereza fecha a cara e fica nervosa de novo, apertando as mãos no volante.

TEREZA

Ali na frente tem um carro estacionado. E agora?

PAULA

Não tem problema nenhum, ele está na vaga dele e você na rua. É só seguir seu caminho normalmente na sua pista.

Tereza prende a respiração sem perceber quando passa pelo carro, mas o faz sem dificuldades. Quando percebe que deu certo, solta a respiração e sorri.

PAULA

Vamos virar aquela curva? Ali no muro verde?

TEREZA

Tá. É só virar o volante?

Tereza limpa novamente as mãos na calça para se preparar, dessa vez uma de cada vez para não soltar o volante.

PAULA

Primeiro, a senhora vai ligar a seta, pros carros de trás saberem o que você vai fazer, e desacelerar bem pouquinho. Muito bem. Agora olha pelos espelhos se o movimento é seguro e vira o volante o suficiente pra fazer a curva e depois já pode começar a desvirar. Pode começar a virar agora.

Tereza obedece. Fica insegura com o quando virar o volante e vira pouco. Paula estica o braço para ajudá-la a virar o tanto certo e depois a desvirar. Quando a curva termina, ela vira para Paula e sorri em agradecimento.

### **3. EXT. RUA/DENTRO DO CARRO - DIA**

#### LETTERING: AULA 2

É o início de uma nova aula, no dia seguinte. O carro está parado na mesma rua da aula anterior. Tereza e Paula estão trocando de banco, Tereza entra no banco do motorista e coloca a bolsa no colo, e Paula no banco do carona. Paula coloca o cinto de segurança.

PAULA

Vamos começar?

TEREZA

Peraí, eu queria fazer uma pergunta. Eu tava lá em casa ontem a noite repassando mentalmente tudo que a gente viu na aula e fiquei com medo de perder

algumas informações. E aí eu pensei em trazer...  
isso.

Tereza tira de sua bolsa um caderninho pautado, simples com uns adesivos na capa, e uma caneta.

TEREZA

É que eu gosto de estudar com papel e caneta, pra ir relendo depois se eu precisar. Você se importa se eu fizer anotações enquanto você vai falando?

PAULA

Imagina... O que for melhor pra você. Mas claro que só vai anotar com o carro parado, né?!

TEREZA

Claro, claro. É só pra decorar esses passo a passo todo. Eu acho muito melhor de aprender as coisas quando eu anoto.

Tereza passa a bolsa para o banco de trás e segura o caderno.

PAULA

Então, entramos no carro. A senhora se lembra por onde começamos?

TEREZA

Porta, banco, retrovisor e cinto.

Enquanto Tereza fala, Paula enumera com as mãos.

PAULA

Isso mesmo, pode se ajeitar então.

Tereza anota em seu caderno bem grande: 1 Porta 2 Banco 3 Retrovisor 4 Cinto. Em seguida, coloca o caderno no banco de



trás e começa a se arrumar. Ela mexe no banco um pouco, mas não o suficiente. Começa a arrumar os espelhos.

PAULA

Acho que ainda tá um pouco longe. Pisa lá por favor.

TEREZA

É, tá longinho mesmo, mas dá pra alcançar. Esse negócio é ruim de arrumar. Pode deixar assim mesmo.

PAULA

Dona Tereza, é importante que esteja na distância certa pra conseguir fazer o movimento todo. Além de perder ponto na prova se o examinador ver que está errado, não é seguro dirigir assim. Pode te atrapalhar na hora de fazer alguma manobra.

Tereza se surpreende com a fala de Paula. Então, arruma o banco o tanto que falta e pisa na embreagem para testar.

TEREZA

Assim né?

PAULA

Agora sim. Sempre tem que conseguir pisar até o final, OK?

TEREZA

OK.

Tereza arruma cuidadosamente os espelhos e o cinto e olha pra Paula.

PAULA

Muito bem. Agora, pode virar a chave.

Tereza respira e liga o carro.

PAULA

Na aula de ontem, eu facilitei pra senhora e te ajudei a sair com o carro. Hoje é a sua vez.

TEREZA

Nossa Senhora, vou até pegar o caderno de novo então.

PAULA

Pega aí.

Tereza pega o caderno no banco de trás e se prepara para fazer anotações.

PAULA

Então... Para sair com o carro, o procedimento é o seguinte: primeiro você tem que estar com um pé no freio e o outro fundo na embreagem. Tá vendo aqui? Aí a gente encaixa a primeira marcha, igual você fez ontem, e solta o freio de mão. Aí o carro tá pronto pra andar assim que a gente soltar a embreagem.

Enquanto Paula vai falando, Tereza divide a atenção entre escrever as anotações e o olhar que Paula está mostrando.

PAULA

Agora, eu preciso que a senhora preste muita atenção que é a parte mais chata: você vai soltar a embreagem bem devagar e quando chegar na metade mais ou menos vai sentir uma tremida diferente e ele vai começar a andar devagar, sem nem precisar acelerar. Nessa hora, você começa a acelerar devagarinho e retira o pé todo. Vamos fazer?

TEREZA

Perai que eu me perdi, muita calma nessa hora.

PAULA

Termina de anotar aí, que a senhora vai entender melhor fazendo. Vou explicar passo a passo.

Tereza deixa o caderno no banco de trás. Quando volta, esfrega as mãos na calça e segura firme no volante. Paula vai falando as instruções devagarinho e Tereza vai obedecendo.

PAULA

Coloca o pé um bem pouquinho no freio e o outro fundo na embreagem...

TEREZA

Coloquei. Tá certo, né?

PAULA

Ihh não tá lembrando mais os pedais, Dona Tereza?

TEREZA

Tô lembrando sim... Só não sei se tô lembrando certo...

PAULA

Tá certo sim. Agora você vai colocar a primeira marcha, esse você lembra certo?

TEREZA

Lembro, tem que apertar o pé esquerdo lá no fundo né?

PAULA

Isso, embreagem no fundo pra encaixar a marcha. Beleza.

TEREZA

Agora pode tirar o pé?

PAULA

Não, não pode não, é com esse que você vai fazer o carro andar.

TEREZA

Opa, então deixa.

PAULA

Vamos soltar o freio de mão, ta pronta? Continua no freio de pé pro carro não andar...

TEREZA

OK.

PAULA

Então pode abaixar aí.

Tereza libera o freio de mão. Precisa de um pouco de ajuda na hora de apertar porque é um pouco duro.

PAULA

Agora, você vai levantar beem devagarinho o pé esquerdo da embreagem até sentir ele tremer, quando você sentir você para sem tirar o pé.

TEREZA

Como que é essa tremida?

PAULA

Vai fazendo que você vai ver

Tereza obedece e vai soltando o pé. Quando o pé tremer, seu rosto se acende.

TEREZA

Olha só! E não é que tremeu mesmo? E agora?

PAULA

Essa tremidinha é o que chamamos de encontrar o ponto da embreagem. Agora, mantém esse pé aí sem mexer e pode tirar o pé que tava no freio e começar a acelerar. Ao mesmo tempo que você for acelerando, vai tirando o resto do pé da embreagem.

Paula fala fazendo movimentação com as duas mãos paralelas, uma abaixando e a outra levantando. Tereza tenta tirar o pé bem devagar da embreagem, mas acaba tirando todo e o carro morre. Tereza fica assustada.

TEREZA

Ué, o que aconteceu?

PAULA

Relaxa, isso acontece o tempo todo. O carro morreu porque você tirou o pé muito rápido. Vamos tentar de novo, tenta tirar o pé um pouco mais devagar.

MONTAGEM - Tereza aprendendo a dirigir.

A) Tereza tenta sair com o carro, mas demorou muito com o pé e o carro morreu.

TEREZA

Ai, que saco.

PAULA

Foi devagar demais, vamos de novo.

B) Tereza tenta sair com o carro, mas acelerou muito e o carro morreu. Tereza bufa.

PAULA

Agora foi acelerador demais.

C) Tereza tenta sair com o carro, mas sem encontrar o ponto e o carro morreu. Tereza apoia o rosto no volante. Paula também já parece cansada, com a mão na cabeça enquanto apoia o cotovelo na porta.

PAULA

A tremidinha Dona Tereza! Tem que esperar tremer.

TEREZA

Mas eu jurava que tinha tremido.

D) Tereza tenta sair com o carro, mas tira o pé da embreagem muito rápido de novo e o carro morreu. Ela mesma percebe onde errou.

TEREZA

Foi muito rápido, né?

Paula concorda com a cabeça.

TEREZA

Vamos ter que fazer um enterro aqui, de tanto que esse carro morre.

E) Tereza tenta sair com o carro, e faz tudo certo, até que um cachorro late do outro lado da rua e faz com que ela solte os pedais por causa do susto.

TEREZA

Mas que filho da...

PAULA

Se estressar só vai ficar mais difícil. A senhora sabe que consegue, é só se concentrar.

F) Tereza para, limpa as mãos na calça e respira fundo. Recomeça e dessa vez o carro não morre. As duas se olham surpresas e comemoram sorrindo.

PAULA

Muito bem! Hora de dirigir.

- G) LETTERING: AULA 3 - O carro está próximo a uma curva, na mesma rua das outras aulas.

PAULA

Se prepara pra curva... Dá a seta... Agora desacelera... não esquece de ver pelo retrovisor se está tudo bem... e vira o volante... vira... vira mais... agora já pode desvirar... desvira!

Tereza tenta seguir as orientações de Paula. A princípio vira pouco o volante, mas com a insistência de Paula acaba virando muito e Paula tem que ajudar a desvirar a tempo.

- H) Tem um quebra-molas no caminho. Tereza arregala os olhos e passa as mãos na calça. Paula a tranquiliza, ditando o que ela deve fazer.

PAULA

Fica tranquila. Primeiro desacelera... deixa o carro bem devagarinho, na velocidade de tartaruga... Passa por ele nesse ritmo assim pisando na embreagem...

Tereza desacelera tanto que deixa o carro morrer. Ela revira os olhos e bufa.

- I) Tem uma fileira de carros estacionados na rua. Tereza fica insegura com a presença deles ali e acaba indo com o carro para o meio da rua, em cima da faixa.

PAULA

Ei, você tá comendo a linha aí. Chega o carro mais pro meio da sua pista.

TEREZA

É só pra ficar longe dos carros estacionados. Tava muito perto.

PAULA

Tem espaço, pode chegar pra cá. A rua foi planejada pra caber os dois com folga.

Tereza chega, mas acaba chegando bem perto dos carros estacionados, então Paula se estica para arrumar o volante.

J) LETTERING: AULA 5 - O carro se aproxima de um cruzamento com uma via mais movimentada. A frente tem uma placa de PARE.

TEREZA

Aqui eu tenho que parar né?

PAULA

Exato, sempre que tiver a placa de pare. Vai desacelerando pra parar...

Tereza para o carro muito longe da placa.

PAULA

Ficou bem longe, daqui não vai conseguir ver bem se vem carro. É importante parar em um ponto que te dê visibilidade.

TEREZA

Ah, entendi.

PAULA

Então liga de novo, põe a primeira marcha e vamos mais pra frente.

Tereza religa o carro, mas dessa vez para muito mais na frente, Paula tem que ajudar a frear para não causar um acidente.



PAULA

Opa, foi demais... Cuidado, senão algum carro pode passar lambendo a frente do seu carro. Mas a rua tá tranquila, podemos ir.

Tereza fica mais desastrada pelo nervoso, mas consegue atravessar o cruzamento.

K) Tereza está aprendendo a fazer baliza. O carro se encontra próximo a cones que demarcam uma vaga. Está olhando no retrovisor.

PAULA

Vira todo o volante e vai de ré bem devagar até enxergar a outra baliza aqui pela janela.

Tereza gira o volante todo e acelera olhando pelo retrovisor, mas acaba errando a mão no acelerador e vai rápido demais, derrubando a baliza. Tereza bufa e apoia a cabeça no volante.

L) O carro está andando na rua. Alguns metros à frente, tem uma **SENHORA** (70) com uma bengala querendo atravessar a rua uns metros a frente.

PAULA

Vamos parar praquela senhora atravessar ali na frente. Sempre que tem faixa de pedestre a senhora deve prestar atenção se alguém quer atravessar, porque a prioridade é deles. Na rua, os maiores protegem os menores. No nosso caso, carro é maior que pedestre, então temos que garantir que ela possa atravessar.

TEREZA

Beleza. Vou freando até parar, é isso?

PAULA

Isso.

Tereza freia, ainda é meio instável, oscilando a velocidade, mas tudo dá certo. Elas param e a senhora atravessa com calma. Paula parece meio impaciente com a velocidade da senhora. Tereza relaxa com o carro parado e, quando olha para a frente, reconhece a senhora atravessando.

TEREZA

Ih, é a Dona Filomena, o marido dela trabalhava com o meu. Ela mora lá perto de casa.

PAULA

Ah é?

Paula não presta atenção no que Tereza disse, está pegando o celular para conferir as horas. Tereza buzina e grita para a senhora.

TEREZA

(gritando pela janela)

Oi, Dona Filomena, como estão as coisas?

A senhora para de atravessar assustada e procura a voz. Paula dentro do carro também pula de susto com o grito de Tereza do seu lado. A senhora enxerga Tereza no carro e acena de volta.

SENHORA

Oi, Dona Tereza, tá sumida hein? Passa lá em casa depois!

TEREZA

Vou sim! Passo lá amanhã. Um beijo, querida!

Paula fica assistindo curiosa essa interação entre as duas senhoras.

PAULA

A senhora é famosa, hein Dona Tereza?

- J) LETTERING: AULA 7 - Elas estão se aproximando de um quebra-molas. Tereza se prepara para passar por ele. Atrás delas, um carro se aproxima em alta velocidade e passa na frente delas invadindo a pista de contramão para passar no quebra-molas. Tereza fica nervosa pelo susto.

TEREZA

Vai assustar sua mãe! Ta achando que é piloto de fórmula 1?

PAULA

Deixa ele passar, vamos no nosso ritmo. Você indo muito bem. Não dá pra levar a sério esses motoristas apressadinhos, é sempre melhor deixar eles passarem na frente.

- K) Elas se aproximam de um sinal vermelho. Tereza fala em voz alta a movimentação que vai fazer, esperando a confirmação de Paula.

TEREZA

Desacelerar...

PAULA

Isso.

TEREZA

Parar atrás da linha...

PAULA

Isso.

TEREZA

Colocar no ponto morto...

PAULA

Isso.

TEREZA

Esperar.

O sinal abre.

TEREZA

Pedal da embreagem até o fundo, primeira marcha...

PAULA

Isso. E..

Ela está pronta pra andar com o carro, mas deixa ele morrer sem querer.

TEREZA

Deixar morrer.

O) Tereza está tentando fazer a baliza. Tereza consegue colocar o carro perfeitamente dentro da vaga demarcada pelos cones. Tereza desliga o carro e comemora que deu tudo certo.

PAULA

Muito bem! Entrou perfeito!

TEREZA

Finalmente! Que trem difícil!

PAULA

Agora vamos sair. Como faz?

TEREZA

Liga o carro, dá a seta e olha pra fora.

Tereza liga o carro, dá a seta e olha pra fora.

TEREZA

Agora, chegar uns dois golinhos pra trás antes de virar pra sair de frente.

PAULA

Isso, vai lá.

Tereza se posiciona para chegar pra trás, olhando no vidro de trás atenta, mas esquece de acionar a marcha ré, o que faz o carro ir pra frente. Elas riem juntas.

TEREZA

Só porque estava quase tudo perfeito. Alguma coisa tinha que ir errado.

Tereza encaixa a marcha ré e segue o procedimento.

FIM DA MONTAGEM

#### **4. EXT. RUA/DENTRO DO CARRO - DIA**

LETTERING: AULA 11

Tereza dirige no percurso de sempre. Dessa vez com mais autonomia e confiança enquanto Paula observa no banco do carona. Há uma curva mais a frente na rua.

Vemos Tereza fazer a manobra da curva sem a ajuda de Paula. Tereza faz tudo certo, mas esquece de olhar no retrovisor. Olha para Paula sorrindo esperando um feedback.

PAULA

Essa foi quase perfeita Dona Tereza, nota 9.

TEREZA

Quase? Ah não, O que faltou?

PAULA

Olhar nos retrovisores antes de virar. Isse te tiraria ponto no dia do exame. É importante conferir se a manobra é segura, vai que tem alguém de bicicleta vindo, ou algum carro ultrapassando e a senhora não viu?

TEREZA

Ai, mas é muito detalhe que a gente tem que pensar quando tá dirigindo! Eu tava tão concentrada em não errar na troca de marchas, que nem lembrei disso. Como que todo mundo consegue dirigir por ai

conversando, ouvindo música, e mais mil e uma coisas?

PAULA

Isso tudo é prática, Dona Tereza. Não se preocupe que com o tempo as coisas ficam mais automáticas. Quando menos esperar vai estar fazendo tudo isso naturalmente. Olha o tanto de coisa que já está muito mais natural desde que começamos nossas aulas.

TEREZA

Se Deus quiser. Você acredita que eu to gostando desse negócio de dirigir?

PAULA

Eu acredito, dá pra ver os seus olhinhos brilhando. Nem parece a mesma Dona Tereza que chegou aqui cheia de medo de dirigir. Vira nessa próxima esquina à direita.

Elas ficam em silêncio para Tereza fazer a curva. Dessa vez ela olha nos retrovisores exageradamente, arrancando um sorriso de Paula. Tereza faz a curva sem errar.

PAULA

Essa aí foi nota 10! Perfeita.

TEREZA

YESS! Obrigada. Eu nunca te contei por que eu tinha medo né?

PAULA

Não.

TEREZA

Então, quando eu tinha uns 20 anos, eu estava com uns amigos na casa da minha amiga, a Amélia do Carmo. Ela tinha acabado de comprar um carro e tava toda empolgada para mostrar. Ela sabia que eu

queria aprender a dirigir e tal, então insistiu que eu fosse dar uma volta com o carro dela. O que acabou não se mostrando uma boa ideia, quem diria. Acabei dando de cara com o poste.

PAULA

Oh! Alguém se machucou?

TEREZA

Não, não. Só o carro que teve que ficar uns bons meses no conserto. Mas sempre que eu pensava em dirigir eu ficava relembrando daquele momento e do carro amassado e nunca mais tive coragem de pensar em dirigir. Até agora né?

O telefone de Tereza apita com uma notificação de mensagem.

TEREZA

Pode olhar pra mim? Minha filha ficou de me confirmar se poderia me buscar hoje, parece que ela tem alguma coisa no trabalho ou algo assim.

Paula pega o celular de Tereza no banco de trás e lê a mensagem em voz alta enquanto Tereza passa por um quebra-molas tranquilamente.

PAULA

"Mãe, não vou conseguir sair daqui a tempo. Pode pedir um taxi ou um Uber? Me avisa. Beijo."

TEREZA

Imaginei que ela não ia poder mesmo, coisa de trabalho sempre agarra todo mundo, né?! Pode digitar a resposta pra mim?

PAULA

A senhora precisa de carona? Eu posso te deixar em casa, essa é a minha última aula de hoje.

TEREZA

Não precisa, eu pego um taxi. Não quero te dar aborrecimento.

PAULA

Imagina, eu te levo. A senhora é o oposto de aborrecimento, é uma ótima companhia.

TEREZA

Certeza? Então tá. Fala pra ela "Oi filha, a Paula falou que pode me deixar em casa. Assim que eu chegar te ligo." Põe aquela carinha, com dois pontos e D maiúsculo. "Um beijo. Mamãe"

Paula sorri e digita a resposta.

#### **5. EXT. RUA/DENTRO DO CARRO - NOITE**

Elas entram no carro de Paula. É a primeira vez que vemos Paula no volante desde o início do primeiro dia de aula. Tereza está de volta ao banco do carona, com olhar curioso varrendo o carro. Ao contrário do carro de autoescola que é apenas para aula, vemos um carro com marcas de uso no dia a dia, com objetos no banco de trás, cestinho de lixo pendurado na marcha e perfumador de carro pendurado no espelho.

Elas estão se ajeitando para sair com o carro. Tereza está com a bolsa no colo e mexendo no chaveiro distraída. Paula põe sua bolsa no banco de trás, liga o rádio e mexe no celular. Música pop preenche o carro em volume baixo.

PAULA

Qual o endereço da senhora?

TEREZA

É na Rua dos Carneiros, número 45. Ali no Centro. Sabe chegar lá?

PAULA

Vou colocar aqui no GPS e ele me mostra o melhor caminho.



TEREZA

Minha filha também sempre usa isso... Quando eu estiver dirigindo eu vou querer usar também, acho tão prático!

PAULA

É bem prático mesmo. E hoje em dia todos os celulares já vêm com um desses instalado, né?!

TEREZA

Mas quais lugares ele mostra aí?

PAULA

Qualquer lugar que você quiser, é só digitar o endereço aqui.

TEREZA

Qualquer lugar mesmo? Será que o meu celular também tem?

PAULA

Posso conferir, mas imagino que sim.

TEREZA

Você pode me ensinar a usar?

PAULA

Claro, deixa eu ver.

Tereza entrega o celular à Paula com os olhos brilhando. Tereza fica espiando por cima do ombro de Paula com expectativa, vendo-a mexer em seus aplicativos para aprender também. Paula abre o aplicativo de GPS, devolve o celular para Tereza e pega o seu.

PAULA

É esse aplicativo aqui, com carinha de mapa. Aí você digita aqui na barra branca o endereço pra onde você quer ir e aperta ok. Por exemplo, vou colocar o seu endereço aqui. Vou fazendo aqui e você faz igual no seu pra testar.

TEREZA

OK.

Tereza copia os movimentos de Paula em seu celular.

PAULA

Rua dos Carneiros 45. OK. Aí ele mostra os caminhos possíveis pra gente chegar lá e o tempo. Você escolhe qual que quer seguir, clicando assim, e aperta IR. Prontinho, agora ele vai reconhecer a rua que a gente tá e mostrar o caminho.

Os dois celulares mostram o mesmo trajeto. Tereza fica satisfeita por ter aprendido. A voz do GPS indica para virar à direita na próxima esquina e Paula tira o som do aparelho. Tereza desliga e guarda seu celular.

TEREZA

É um pouquinho complexo, mas acho que aprendi. E ela fica te falando onde virar igual você nas nossas aulas. Você tem sua própria Paula.

Paula ri da piada de Tereza. Ela prende o cabelo, liga o carro e começa o percurso, seguindo o mapa. Depois de uns minutos de silêncio olhando pela janela, Tereza volta a falar. Paula conversa sem tirar os olhos da rua.

TEREZA

Muito obrigada de novo, querida, é muita gentileza sua se dispor a sair do seu caminho pra me levar. Normalmente quando a Marcella não consegue me buscar, eu consigo um táxi ou uber.

PAULA

Claro, Dona Tereza. Não tem problema nenhum, E não é muito longe do caminho da minha casa. É bom que muda um pouco a rotina.

TEREZA

Você trabalha lá todos os dias?

PAULA

Na verdade, tem uma escala de horários né?! Esse ano eu folgo toda quarta. Ano passado que era bom, a folga era na sexta!

TEREZA

Tem quanto tempo que você trabalha aqui?

PAULA

Esse ano completa 6 anos.

TEREZA

Deve ser bem legal, conhecer várias pessoas diferentes, ajudar elas a superar seus medos, realizar seus sonhos...

PAULA

É bem legal mesmo. A senhora faz parecer muito romântico. Não é tanto assim, mas eu até que sou boa nisso e aprendi a gostar com o tempo. A maioria dos meus alunos são adolescentes que acabaram de completar 18 anos ou jovens um pouco mais velhos que estão pagando o curso com o salário do primeiro emprego. São bonzinhos. Na verdade, a senhora sabia que é a primeira idosa que eu ensino?

TEREZA

Olha só, espero estar representando bem o grupo dos velhinhos.

PAULA

Muito bem! Eu to impressionada com o desenvolvimento da senhora. Tá dando um banho em um monte de novinho. É perceptível o quanto a senhora se dedica. De verdade. Tem até caderninho!

TEREZA

Esse caderninho foi a melhor ideia que eu tive. Eu sempre volto nele em casa depois.

PAULA

Mentira que a senhora realmente lê o caderninho?

TEREZA

Leio! Claro. No início eu relia quase todos os dias, pra estudar. Agora eu volto só nas coisas que eu vou errando nas aulas durante as aulas daquele dia.

PAULA

A senhora vai ver. Daqui a algumas semanas vai estar habilitada andando de carro pra todo lugar. Já sabe qual o primeiro lugar que você quer ir dirigindo?

TEREZA

O Mirante São Cristóvão, na saída da cidade, conhece?

PAULA

Uau, na ponta da língua assim?

TEREZA

Você tem algum lugar ou alguma coisa que parece que não faz sentido compartilhar com outras pessoas, que você precisa viver aquela experiência sozinha?

PAULA

Acho que entendo o que a senhora quis dizer.

TEREZA

De certa forma, aquele lugar foi o que me fez decidir procurar a autoescola e vencer esse medo.

PAULA

Sabe, eu ouvi alguém falando uma vez que a vida é como se fosse um carro. Quando dirigimos, vemos o que vem pela frente por esse vidro gigante e o que

passou pelo vidrinho do espelho retrovisor. O que quer dizer que devemos dar muito mais atenção pra onde estamos indo, sem nos esquecer de onde viemos, mas também sem deixar isso se tornar maior do que deve ser. Ele está ali para te dar aquela confiança para seguir em frente. Acho que é isso que a senhora está fazendo.

O GPS solta uma notificação dizendo que elas chegaram no destino. Paula estaciona o carro. Tereza se arruma pra sair do carro.

TEREZA

Mil vezes obrigada por me trazer aqui. Nos vemos na próxima aula então.

PAULA

Estou à disposição sempre que precisar. Obrigada pela companhia. Boa noite, Dona Tereza.

As duas se abraçam e Tereza sai do carro. De dentro do carro, Paula observa reflexiva enquanto Tereza entra em sua casa.

## **6. INT. QUARTO DE TEREZA - NOITE**

Tereza está dormindo. A lua ilumina seu quarto. Os móveis são antigos, mas bem conservados, um armário, uma cômoda, uma estante com livros. Há porta-retratos com o marido e a família.

O rádio relógio marca 4:59. Quando muda para 5:00 ele liga, com o som preenchendo o quarto. Tereza acorda nos primeiros segundos, senta-se na beirada da cama e o desliga. Pega um porta-retrato na mesinha ao lado da cama, com uma foto dela e do marido no mirante quando eram mais jovens. Eles estão abraçados e gargalhando sobre alguma coisa. Ela observa a foto por uns segundos, a retira do porta-retrato e coloca sobre a cama.

Tereza abre uma gaveta em sua cômoda e cuidadosamente tira de lá um boné que era de seu marido. Pega sua bolsa de mão que estava pendurada no cabideiro e guarda o boné. Vai até o banheiro escovar os dentes, se maquiar e passar perfume.

Depois volta para o quarto e veste uma roupa que já estava cuidadosamente separada no cabide desde o dia anterior. Em seguida, senta-se na beirada da cama e calça os sapatos. Depois, abre o GPS no celular e vê o caminho até o mirante.

O aplicativo indica 35 minutos de carro. Ela guarda o celular na bolsa de mão, pega a bolsa e a foto, se levanta e sai do quarto.

### **7. EXT. RUA/DENTRO DO CARRO - NOITE**

Tereza entra no carro e coloca a bolsa no banco do carona e a foto por cima dela. A primeira coisa que faz é ajeitar o banco, o espelho retrovisor e o cinto. Em seguida, pega o celular na bolsa e o coloca no painel e clica para começar o percurso. O aplicativo emite uma voz indicando o percurso que ela deve fazer.

#### VOZ DO APLICATIVO DE GPS

Vamos começar seu percurso. Siga na rua dos Carneiros por 200 metros, e em seguida, vire à direita.

Tereza sorri, liga o carro e começa a dirigir.

### **8. EXT. MIRANTE - AMANHECER**

Tereza estaciona com o carro no mirante. O céu já está mais claro, indicando que o amanhecer se aproxima. Ela para um segundo olhando a foto no banco.

#### VOZ DO APLICATIVO DE GPS

Você chegou em seu destino.

Tereza sorri, pega a bolsa e sai do carro. Um pouco mais à frente está o banco onde a foto antiga foi tirada. Ela se

senta e pega o boné em sua bolsa. Com o boné na mão ela olha pra a vista do lugar enquanto o céu vai mudando de cor. Depois de um tempo ela põe o boné na cabeça e fica contemplando o sol nascendo. Seus olhos estão cheios de lágrimas, mas seu rosto está sorrindo.

Quando o sol nasce completamente, ela pega o celular e tira fotos da vista de cima do mirante. Em seguida, tira uma foto de si mesma sorrindo. O carro aparece no fundo da foto. Observa a foto por uns instantes, fecha os olhos e respira fundo. Por fim, ela se levanta e caminha em direção ao carro.

#### 4. CONCLUSÃO

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso foi um grande desafio. Em primeiro lugar, por tentar materializar uma percepção e uma experiência vindas de um contexto muito pessoal e sensível. Eu não tinha muita certeza de como seria o filme que iria criar a partir dessas provocações, e o processo criativo para encontrá-lo foi bem turbulento. Também me fez pensar bastante sobre a importância da representatividade em nossas produções audiovisuais. Em segundo lugar, por ser um trabalho desenvolvido em contexto pandêmico e de forma remota, em meio a tantas incertezas e limitado pela falta de acesso à alguns recursos e ao dia a dia da universidade. Em terceiro lugar, por ser minha primeira experiência desenvolvendo um roteiro. Enquanto realizadora audiovisual, em outros trabalhos venho me dedicando a funções com as quais tenho mais afinidade, como direção, produção e montagem. Ao longo desse trabalho, essas experiências às vezes me ajudaram a visualizar melhor algumas cenas na hora de escrever, mas em outras, me trouxeram dificuldade em me ater às funções de roteirista e não extrapolar para outras funções.

Mesmo sendo um desafio, me sinto feliz com o caminho que a história tomou e tenho orgulho do trabalho que produzi. Aprendi muito com o processo, pude colocar em prática muito do que vi ao longo do Bacharelado em Cinema e Audiovisual e acredito que isso contribuiu para me tornar uma profissional melhor. Com a realização desse trabalho, sinto que aprendi a compreender o audiovisual por uma ótica diferente, e expandi a minha percepção de que Cinema é um trabalho de equipe em que todas as funções são igualmente importantes.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, C. **Conheça as “Avós da Razão” e outras webcelebridades com mais de 60 anos**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/conheca-as-avos-da-razao-outras-webcelebridades-com-mais-de-60-anos-23544371>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

FEUD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PELEGRINI, Christian Hugo; ALMEIDA, R. **Rose: uma ilha de esterótipos em Lost**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 39, p. 243-265, 2013.

PELEGRINI, Christian Hugo. Aspectos do personagem no audiovisual: uma abordagem pela narratologia transmidiática. In: MUANNIS, Felipe de C. & PELEGRINI, Christian H. (org) **Perspectivas do audiovisual contemporâneo: urgências, conteúdos e espaços**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019. P. 137–152.

TSUNAMI 60+. Disponível em: <<https://tsunami60mais.com.br/index.html#introducao>>. Acesso em 29 ago 2021.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

A DESPEDIDA. Direção: Lulu Wang. Estados Unidos, 2019.

AMOR. Direção Michael Haneke. França/Alemanha/Áustria, 2012.

ANTES de Partir. Direção: Rob Reiner. Estados Unidos, 2008.

COCOON – A Aventura dos Corais Perdidos. Direção: Ron Howard. Produção: David Brown, Lili Fini Zanuck. Estados Unidos: Twentieth Century Fox Film Corporation, 1985.

CONDUZINDO Miss Daisy. Direção: Bruce Beresford. Produzido por Richard D. Zanuck, Lili Fini Zanuck. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 1989.

ENSINA-ME a Viver. Direção: Hal Ashby. Produção Colin Higgins. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1971.

GRACIE and Frankie. Criação de Marta Kaufman, Howard J. Morris. Estados Unidos: Netflix, 2015 – presente.

ÍRIS. Direção: Richard Eyre. Reino Unido/Estados Unidos, 2001.

IRMÃO do Jorel. Criado por: Juliano Enrico. Brasil, 2014 – presente.

MEU Pai. Direção: Florian Zeller. Reino Unido/França, 2020.

MOANA – Um Mar de Aventuras. Direção: John Musker e Ron Clements. Estados Unidos, 2016

UM SENHOR Estagiário. Direção: Nancy Meyers. Produção: Nancy Meyers, Suzanne McNeil. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2015.